

literatura

«MACAO» E «HONG KONG» DE W. H. AUDEN: UMA ABORDAGEM COMPARATIVISTA

Rogério Miguel Puga*

«I thought it [China] the nicest country I had ever been in [...]»

W. H. Auden, *apud Humphrey Carpenter, W. H. Auden: A Biography, 1981, p. 239.*

«Writers, poets especially, have an odd relation to the public because their medium, language, is not, like the paint of the painter or the notes of the composer, reserved for their use but is the common property of the linguistic group to which they belong.»

W. H. Auden, *The Dyer's Hand.*

W(ystan) H(ugh) Auden (1907-1973)¹ começa a sua carreira de poeta enquanto estudante em Christ Church (Oxford), bebendo influências nas raízes da poesia medieval inglesa, ao explorar as formas de preservar as «esferas privadas» no «caos público»². O *travel book* que escreveu com Christopher Isherwood, *Journey to a War* (1939), descreve a

* Mestrado em Estudos Anglo-Portugueses, F.C.S.H. da Universidade Nova de Lisboa, bolseiro da Fundação Oriente, I.S.E.C. (Lisboa).

¹ Para uma biografia do autor, nomeadamente durante a sua estada na China, vejam-se Humphrey Carpenter, *W. H. Auden: A Biography*, George Allen and Unwin, Londres, 1981; Charles Osborne, *W. H. Auden: The Life of a Poet*, Macmillan, Londres, 1979.

² Cf. Margaret Drabble (ed.), *The Oxford Companion to English Literature*, Oxford University Press, Oxford, 2000, pp. 49-50. Auden publicou inúmeros volumes de poesia, entre os quais destacamos: *Poems* (1928-1930); *The Orators* (1932); *Look Stranger!* (1936); *Another Time* (1940); *Nones* (1951); *About the House* (1965); bem como peças de teatro como *The Dance of Death* (1933) e *On the Frontier* (1938); e librettos para obras como *The Rake's Progress* de Stravinsky (1951).

viagem dos autores pela China³, em pleno teatro da guerra sino-japonesa iniciada em 1937 com a invasão de Xangai e outras partes do Império do Meio, enquanto em Dezembro de 1938 o poeta inglês redige, em Bruxelas, dois sonetos de versos brancos e decassílabos intitulados «Hong Kong» e «Macao», o último considerado «a first-class poem by a first-rate poet, W. H. Auden»⁴, por comparação aos muitos textos «menores» das literaturas inglesa e norte-americana em que Macau marca presença.

Após a chegada dos autores à então colónia inglesa de Hong Kong, em 16 de Fevereiro de 1938, de onde partiram para o interior da China (Guangzhou e Hankow)⁵, o exotismo torna-se um jogo dialéctico entre os visitantes europeus e a população chinesa, por entre a morte de chineses inocentes que lutam contra o invasor nipónico nas linhas da frente das inúmeras batalhas que se travam, experiências essas relatadas por Auden nos seus *Sonnets from China*, imagens também recolhidas na companhia de Peter Fleming, irmão do criador de James Bond, então repórter do *The Times*, com que o poeta viaja até à partida para os Estados Unidos da América, em 12 de Junho de 1938.

³ A contribuição de Auden fica-se por uma sequência de sonetos e um comentário em verso (*In Time of War*), tema este que o atraiu desde a sua experiência durante a Guerra Civil espanhola (1935-1940). No prefácio de *Journey to a War*, Faber and Faber Limited, Londres, 1939, p. 13, os autores informam o leitor: «Early in the summer of 1937, we were commissioned by Messrs. Faber and Faber {... } to write a travel book about the East. [...] The outbreak of the Sino-Japanese War in August decided us to go to China. We left England in January 1938, returning at the end of July. This was our first journey to any place east of Suez. We spoke no Chinese, and possessed no special knowledge of Far Eastern Affairs. {... } We can only record, for the benefit of the reader who has never been to China, some impression of what he would be likely to see, and of what kind of stories he would be likely to hear».

⁴ Cf. Donald C. Baker e Elizabeth D. Baker, «A Great English Poet on China, Hong Kong and Macao: W. H. Auden and «a weed from catholic Europe», in *Review of Culture*, n. 25 (2nd series): English Edition, Instituto Cultural de Macau, Macau, 1995, p. 241. De acordo com David Lodge (ed.), «W. H. Auden», in *20th Century Literary Criticism: A Reader*, Longman, Londres, 1972, p. 636, «{... } Auden (b. 1907) is generally recognized as the most distinguished of the English poets who emerged in the 'thirties. Auden's poetry in that decade reflected his involvement (on the left wing side) in political and economic issues, his extensive travels, and the intellectual influences of Marx and Freud». O próprio poeta considerou estes seus poemas dignos de eternidade, uma vez que após uma revisão da sua obra lírica, afirma em 1965, numa das edições dos seus poemas: «Some poems which I wrote and, unfortunately, published, I have thrown out because they were dishonest, or bad-mannered, or boring». (W. H. Auden, *Collected Poems*, 1991, p. xxv).

⁵ Cf. Humphrey Carpenter, *op. cit.*, pp. 230-241.

Os poemas de que nos ocuparemos ao longo deste nosso texto foram redigidos pelo autor após os quatro meses de viagem pela China, tendo sido publicados em *Voyages* com a seguinte ordem: IV. «Hong Kong»; V. «Macao», ou seja, respeitando a sequência pela qual os dois «enxertos europeus» no Sul da China foram visitados. Encontrando-se dispostos na sequência uma da outra, justifica-se uma abordagem comparativista das duas composições, uma vez que as representações espácio-simbólicas dos dois enclaves se afastam, quer em termos de diversidade cultural quer em termos de vivência social.

Hong Kong não agrada especialmente ao viajante inglês, sendo que o sujeito lírico do soneto dedicado ao recanto sino-português se demarca como um observador externo, descrevendo este segundo através de um filtro mental típico de um protestante, como que da varanda do Hotel Bela Vista, onde pernoitaram em Macau.

Apresentamos, de seguida, os dois poemas, bem como a nossa tradução dos mesmos:

IV. Hong Kong

Its dealing characters are wise and witty,
Their suits well-tailored, and they wear them well,
Have many a polished parable to tell
About the *mores* of a trading city.

Only the servants enter unexpected,
Their silent movements make dramatic news;
Here in the East our bankers have erected
A worthy temple to the Comic Muse.

Ten thousand miles from home and What's-Her-Name
A bugle on this Late Victorian hill
Puts out the soldier's light; off-stage, a war
Thuds like the slamming of a distant door:
Each has his comic role in life to fill,
Though Life be neither comic nor a game.

December 1938⁶

⁶ W. H. Auden, *Collected Poems*, introdução e notas de Edward Mendelson, Faber and Faber, Londres, 1991 [1976], pp. 175-176.

Tradução:

IV. Hong Kong

Os seus principais caracteres são inteligentes e argutos,
Os seus fatos bem cortados, e vestem-nos elegantemente,
Tendo muitos uma polida parábola para contar
Sobre os *mores* da cidade comercial.

Apenas os criados entram inesperadamente,
Os seus silenciosos movimentos acarretam dramáticas novidades;
Aqui no Oriente, os nossos banqueiros ergueram
Um templo em honra da Cómica Musa.

A dez mil milhas de casa e da Não-sei-Quantas
Um clarim nesta Tardia colina Vitoriana
Apaga a luz do soldado; fora de cena, uma guerra
Ressoa qual o bater de uma porta distante:
Cada um tem o seu papel cómico a desempenhar na vida,
Embora a Vida não seja nem cómica nem um jogo.

Dezembro 1938

V. Macao

A weed from Catholic Europe, it took root
Between some yellow mountains and a sea,
Its gay stone houses an exotic fruit,
A Portugal-cum-China oddity.

Rococo images of Saint and Saviour
Promise its gamblers fortunes when they die,
Churches alongside brothels testify
That faith can pardon natural behaviour.

A town of such indulgence need not fear
Those mortal sins by which the strong are killed
And limbs and governments are torn to pieces:

Religious clocks will strike, the childish vices
Will safeguard the low virtues of the child,
And nothing serious can happen here.

December 1938⁷

⁷ W. H. Auden, *Collected Poems*, introdução e notas de Edward Mendelson, Faber and Faber, Londres, 1991 {1976}, p. 176.

Tradução:

V. Macau

Erva daninha da Europa católica, ganhou raízes
Entre algumas montanhas amarelas e um mar,
As suas alegres casas de pedra um fruto exótico,
Uma singularidade de Portugal e da China.

Imagens rococó de Santos e Salvador
Prometem aos seus jogadores fortunas quando morrerem,
Igrejas ao longo de bordéis testemunham
Que a fé pode perdoar o comportamento natural.

Uma cidade de tal indulgência não deve temer
Os pecados mortais pelos quais os grandes são mortos
E membros e governos desfeitos em pedaços:

Relógios religiosos baterão, as vozes infantis
Salvaguardarão as virtudes menores da criança, E
nada de sério poderá aqui acontecer.

Dezembro 1938

A formalidade que caracteriza a ambiência puramente comercial do primeiro poema contrasta com a descrição pitoresca e mais «humana» da tolerante cidade de Macau, joio da Europa católica que cresceu por entre uma paisagem rural dos mares do Sul da China, e que Donald C. e Elizabeth D. Baker consideram um enxerto cultural⁸, no qual o perdão é concedido aos pecados da carne, alienando os pecados mortais que despedaçam membros do frágil corpo humano e governos, podendo estes mesmos pecados remeter para a vertente erótico-sexual dos bordéis, onde também as doenças venéreas marcam presença em tempos de guerra. Vozes de crianças inocentes são, portanto, associadas ao ressoar dos relógios das torres de igrejas católicas que adornam a paisagem humanizada de Macau, onde se parece viver em permanente *dolcem otium*, daí que o último terceto conclua, através de uma conjunção copulativa⁹, — tam-

⁸ *Op. cit.*, p. 247.

⁹ O carácter conclusivo da última estrofe do soneto é, desde logo, indicado no último verso do primeiro terceto, através do recurso aos dois pontos (:), que remetem para uma mudança de tom e de discurso, chamando, assim, a atenção do leitor.

bém por oposição à formalidade de Hong Kong e ao tenso ambiente de guerra que se vive no interior da China — «And nothing serious can happen here» («Macao», verso 14).

Os campos semânticos que se desenvolvem ao longo das estrofes de ambos os sonetos contrastam entre si, enquanto que as diferentes esferas do simbólico da composição «Macao» elaboram uma intrincada rede de significados/significantes, uma vez que o jogo, o prazer carnal e as indulgências se conjugam por entre vivências católicas, à sombra de montanhas amarelas e no interior de pitorescas e alegres casas de pedra. O sugestivo símile botânico que inicia o poema serve o propósito de caracterizar o território, sintetizando e servindo de alusão à vivência e origem histórica do mesmo {«A weed from Catholic Europe, it took root (...). («Macao», v. 1)}.

O imaginário do poema-descrição¹⁰ dedicado a Macau, sobretudo nas duas primeiras quadras, envolve-se de uma série de imagens e comparações que caracterizam o exótico e familiar enclave quer na literatura inglesa quer na literatura norte-americana¹¹, bem como ainda na portuguesa, imagens estas que servem de cenário de repouso aos banqueiros

¹⁰ O sujeito lírico do soneto «Macao» anula a sua íntima emotividade/subjectividade para descrever e moralizar em torno do *modus vivendi* da cidade, distanciando-se dos poemas líricos que não «representa{m} predominantemente o mundo exterior e objectivo, nem a interacção do homem e deste mesmo mundo {...}» e da «poesia lírica {que} não se enraíza no anseio ou na necessidade de descrever o real empírico, físico e social, circunstante ao *eu lírico* {...}» (Cf. Vítor Manuel Aguiar e Silva, *Teoria da Literatura*, 8.ª edição, Livraria Almedina, Coimbra, 1988, pp. 582-82). Aliás, Auden é considerado um poeta-político («political poet»: cf. Anthony Thwaite, *Twentieth-Century English Poetry*, Heineman, Londres, 1978, pp. 57ss). De acordo com R. A. York, *The Poem as Utterance*, Methuen & Co., Londres, 1986, pp. 146-147: «Auden, in short, like the essayist, and like a certain gentlemanly sort of conversationalist, has a keen sense of privacy. He neither reveals himself [...], he moves in the domain of public reference and performs acts of publicly permissible speech. {...} Auden's eagerness to make poetry out of the language of public life {...} the recurrent concern with the act of cultural commentary or criticism {...}». O próprio poeta afirmou na sua palestra inaugural como Professor de Poesia na Universidade de Oxford: «Poetry can do a hundred and one things, delight, sadden, disturb, amuse, instruct — it may express every possible shade of emotion, and describe every conceivable kind of event, but there is only one thing that all poetry must do; it must praise all it can for **being** and for **happening**». (W. H. Auden, *Making, Knowing and Judging*, apud John Press, *A Map of Modern English Verse*, Oxford University Press, Londres, 1969, p. 192, negrito nosso).

¹¹ Sobre Macau nas literaturas inglesa e norte-americana vejam-se os nosso estudos: «Imagens de Macau na literatura inglesa setecentista: A «pérola do Oriente» na obra de Daniel Defoe», in *Administração*, n. 47, vol. XIII, Macau, 2000-1.º, pp. 327-339; «Imagens de Macau na Literatura Inglesa», in *Actas do I Congresso Internacional de*

da vizinha Hong Kong durante os momentos de evasão e descanso de inúmeros fins-de-semana e passeios de férias. A própria arquitectura mediterrânica¹² erudita da cidade concorre para a sensação de exotismo que permeia o texto e que o sujeito identifica ao referir as alegres casas de pedra {(...) an exotic fruit (...), «Macao», v. 3, **negrito nosso**] que adornam as orlas marítima e as ruas por onde parecem correr também igrejas ao lado de bordéis e casas de jogo. O espaço exótico torna-se também simbólico, na medida em que a imagem/metáfora descrita no poema apresenta o espaço exterior amplo, não deixando sem descrição o interior das igrejas católicas da cidade: «Rococo images of Saint and saviour/Promises its gamblers fortunes when they die, {...}» («Macao», vv. 5-6). Gaston Bachelard, *La poétique de l' espace*, 1978, ao analisar a simbologia e «significação poética» (p. 12) das imagens/representações do espaço na literatura, aborda a casa como «un veritable principe d'in-tegration psychologique {...} l'image de la maison devienne la topographie de notre être intime {...} (p. 18) dans un «coin du monde» {...} un cosmos {...}» (p. 24), teoria esta que vai de encontro à vivência humana de Macau, materializada nos espaços da cidade nos quais o sujeito lírico se parece mover, nem que apenas pictoricamente. A casa-igreja-bordel protege e reconforta¹³ em tempo de guerra, ao invés do Pico de Vitória em Hong Kong que apenas ressoa a morte de mais um soldado envolto pelas lides bélicas e pelo lucro, «Though Life be neither comic nor a game». («Hong Kong», v. 14).

Estudos Anglo-Portugueses, 6-8 Maio de 2001, Lisboa, Centro de Estudos Anglo-Portugueses da Universidade Nova de Lisboa, no prelo; «"The picturesqueness of sleepy Macao": Metáforas da singularidade de um espaço e vivência multiculturais num conto de Charles A. Gunnison», in *Oriente*, n. 1: Setembro-Dezembro de 2001, Fundação Oriente, Lisboa, pp. 108-118; «Imagens de Macau Oitocentista: a visão intimista de uma jovem americana», in *Actas da V Semana Cultural da China*, I. S. C. S. P., 21-26 Janeiro de 2002, Lisboa, no prelo.

¹² A propósito do elemento exótico da arquitectura de Macau e do misto de estilos orientais e ocidentais, veja-se Benjamim Videira Pires, S. J., *Os Extremos Concliam-se (transculturação em Macau)*, Instituto Cultural de Macau, Macau, 1988, p. 109: «{...} as moradias tipicamente chinesas coexistem pacificamente com as formas urbanas essencialmente mediterrânicas, não racionalizadas, com largos ou praças, quintais de árvores europeias, cítrios e travessas, calçadas e escadarias quebra-costas, que nos lembram Lisboa ou o Porto».

¹³ Ou seja, «la maison est un corps d'images qui donnent à l'homme des raisons ou des illusions de stabilité {...} il faut aussi donner un destin de dehors à l'être du dedans {...}. L'espace appelle l'action». (Gaston Bachelard, *op. cit.*, pp. 34 e 29-30, respectivamente. **Negrito nosso**).

A dimensão exótica do território remete para o conceito de alteridade, fundindo-se também com a vertente mais familiar da vivência de Macau, daí a imagem da erva daninha europeia que cresce em terras da China, rodeada de inúmeros outros detalhes figurativos. A singularidade do território advém, exactamente, da pitoresca mescla de formas de ser e de viver que se adensam na paisagem antropológica envolta da «estética do diverso»¹⁴ do enclave, que, sendo uma plataforma multicultural, por excelência, até aos dias de hoje, foi, desde sempre, um local privilegiado para se testemunhar a vivência transcultural entre várias etnias, costumes e religiões. A descoberta empírica da diferença do Outro, sendo multidimensional e fruto de contemplação emotiva, é algo difícil de conseguir de uma forma objectiva, processo este que Todorov denomina «exotopia», ou seja, «afirmação da exterioridade do outro que acompanha o seu reconhecimento enquanto sujeito»¹⁵. Surgindo do espaço-mistério que ilustra as distâncias da dicotomia: Eu civilizacional — Tu Outro, o exotismo, enquanto objecto de estudo, exige uma abordagem interdisciplinar que capte toda a sua complexidade, fundindo-se, portanto, com a experiência humana que a viagem geográfica e imaginativa proporciona, espelhando a imagem de contrastes que cada civilização tem das demais, neste caso a Europeia (católica e protestante) em relação ao contexto cultural e político de Macau no século XX. A viagem, real ou imaginária, mas sempre simbólica, vai-se construindo em torno de mitos e representações, por vezes hiperbólicas, de tempos, lugares e personagens em constante movimento, de e para o enclave português. Comparando os dois sonetos, os ingleses e chineses, em Hong Kong, criaram um empório comercial, moderno, e os portugueses e chineses, em Macau, uma sociedade com mais alma e calor humano, daí que a marca da presença destes últimos se faça sentir na imaginaria religiosa barroca.

¹⁴ Expressão cunhada por Victor Segalen, *Essai sur l'Exotisme*, Le Livre de Poche, Paris, 1999, p. 41. Veja-se também o nosso verbete «Exotismo», in Carlos Ceia (dir.), *Dicionário de Termos Literários*, Editorial Verbo, Lisboa, no prelo: «Exotismo: Representação do Outro civilizacional e da sua singularidade. Como o próprio prefixo do termo indica, o exotismo, enquanto discurso sobre a alteridade, implica um movimento do olhar e dos demais sentidos para fora do Eu cultural (ocidental). {...}».

¹⁵ Cf. Tzevan Todorov, *La Conquête de L'Amérique: La question de L'autre*, Editions du Seuil, Paris, 1982, p. 254.

Como traços e signos da estética da alteridade poderemos listar diversos indicadores qualitativos que transportam o leitor para um universo semântico diferente do seu, onde imperam a natureza, a colorida arquitetura, e a estatuária religiosa¹⁶ do século XVIII. O discurso exótico poderá então funcionar como *tropos* ou técnica de simulacro e (des)familia-rização do real, enquanto todos estes temas e figuras simbólicas se constróem apenas aludindo ao «exotic fruit» («Macao», v. 3), auxiliando a interpretação do leitor, indo, por vezes, de encontro ao seu «horizonte de expectativa»¹⁷. Os Outros (europeus católicos e chineses), em Macau, são então (des)cobertos através da ordenação de um mundo semi-encon-trado que exige recursos estilísticos e uma linguagem específica para o espelhar, como o atestam as imagens-metáforas que o sujeito poético descreve por entre ruas e gritos infantis/inocentes no ambiente da cidade. O eu lírico como que se filia no grupo dos pensadores «orgulhosamente filhos de Rousseau», contrapondo a infância de Macau ao estado adulto e formal de Hong Kong, bem como do resto do mundo em guerra: a «town of such **indulgence**» («Macao», v. 9, negrito nosso) contrasta, assim, através de um elaborado trocadilho com a vizinha «trading city» («Hong Kong», v. 4), esta última repleta de protocolos e formalidades apenas quebrados pelos misteriosos e silenciosos criados de etnia chinesa. Daí que o ambiente de guerra se faça sentir menos na Baía de Á-Má, ou seja, *Otium versus negotium*, portanto; paralelismo este que adquire também um cariz especial à luz da teoria pós-colonialista nos estudos literários.

A enumeração dos elementos e unidades de significação cultural que compõem o microcosmos da cidade é apoiada pelo recurso à aliteração (sibilante) {«Its gay stone houses», («Macao», v. 3); «Rococo images of Saint and Saviour» (Idem, v. 5)}, sendo que a rotina diária continuará intacta («will [...] will», «Macao», w. 12-13) porque o vale das montanhas amarelas descansa entre a terra e o mar. A imagem de sonolência de Macau é recorrente nas literaturas inglesa e norte-americana, como po-

¹⁶ O simbolismo cristão na obra de Auden revela-se, sobretudo, a partir de «In Time of War» (Cf. Nicolsas Jenkins, s. v. «Auden», in Ian Hamilton (dir.), *The Oxford Companion to Twentieth-Century Poetry*, Oxford University Press, Oxford, 1994, pp. 22-23).

¹⁷ Cf. Wolfgang Iser, *The Act of Reading: A Theory of Aesthetic Response*, The John Hopkins University Press, Baltimore, 1980, p. 99.

demos verificar através quer deste poema quer de algumas das obras referidas na nota de rodapé n. 11. No conto «In Macao» (1892) do escritor norte-americano Charles A. Gunnison ((1861-1897), a cidade — recursivamente adjectivada de «sleepy» (p. 24), com a variante «drowsy» (p. 33) — é descrito da seguinte forma: «Death at night and sleep in the day time are characteristics of Macao. No one seems to work, play, sing, dance or even read unless the latter indeed may be done in what Alphonse Daudet calls *la Bibliotheque des cigales*». (p. 10). A máxima horaciana *carpe diem* parece, assim, ser um dos lemas da população macaense.

A propósito de «espaços expressivos», Eugene Victor Walter (*Placeways: A Theory of the Human Environment*, University of North California Press, 1988, pp. 204 e 111, respectivamente) afirma: «a place is dead if the physique does not support the work of imagination, if the mind cannot engage with the experience located there, or if the local energy fails to evoke ideas, images, or feelings. {... A city is} a container of presences that include ancient images and memories. These presences enter the feelings that make a town, and they help to settle a place». Daí que, como já afirmámos, o sujeito lírico recorra à comparação para caracterizar as coloridas casas de Macau: «an exotic fruit», sendo o tom do poema mais grave no final do mesmo, enquanto o tema e o pensamento do observador se afastam da cidade física enquanto pacífico oásis próximo da guerra, aproximando-se da sua condição humana; aliás, como afirma Jonathan Culler, *Literary Theory: A Very Short Introduction*, 2000, p. 66: «Poetry is related to rhetoric: poetry is language that makes abundant use of figures of speech and language that aims to be powerfully persuasive», sendo que o jogo polissémico em torno das diferentes conotações¹⁸ de que determinados vocábulos gozam adensa a imagística do poema: «weed» («Macao», v.1) poderá ser uma erva daninha/joio, tanto no sen-

¹⁸ De acordo com Carlos Ceia, s.v. «Conotação/denotação», in *Dicionário de Ter-mos Literários*, Editorial Verbo, Lisboa, no prelo, «a conotação remete para as ideias e as associações que se acrescentam ao sentido original de uma palavra ou expressão, para as completar ou precisar a sua correcta aplicação num dado contexto. Por outras palavras, tudo aquilo que podemos atribuir a uma palavra para além do seu sentido imediato e dentro de uma certa lógica discursiva entra no domínio da conotação. [...] A denotação é aquilo a que uma palavra ou expressão se aplica no seu *stricto sensu*». Também Roland Barthes, *S/Z*, Edições 70, Lisboa, 1980, p. 14, define conotação como «{...} uma determinação, uma relação, uma anáfora, um traço que tem o poder de se relacionar com menções anteriores, posteriores ou exteriores a outros lugares do texto (ou de um outro texto)».

tido positivo, como negativo, típico de uma voz protestante, acontecendo o mesmo com *o pun* em torno do termo «indulgence (Idem, v. 9), que remete tanto para o universo do prazer como para o do pecado/perdão comprado, daí também o recurso ao universo infantil («childish»; «child», Idem, vv. 12-13) para descrever, de forma implícita, o ritmo e a forma de vida na cidade. Os próprios adjetivos utilizados pelo eu lírico dividem a caracterização da ambiência física e espiritual do território, a saber, numa primeira parte do poema: «gay» (feliz), «exotic» (exótico), «natural»; enquanto que numa segunda fase: «mortal», «strong» (forte), «religious», «childish» (infantil), «low» (baixas) e «serious» (sério).

Tal como nos indica a perífrase no final do poema, o som dos sinos («religious clocks», «Macao», v. 12) soarão nas altas torres, marcando o tempo (cíclico) que corre, enquanto que as audíveis e significativas/antes vozes da criança-adulta («childish voices», Idem) continuarão a fazer-se ecoar pelas sinuosas ruas da «weed-town» nos mares do Sul da China.

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia activa:

AUDEN, W. H., «IV. Hong Kong», in *Collected Poems*, introdução e notas de Edward Mendelson, Faber and Faber, Londres, 1991 [1976], pp. 175-176.

_____, «V. Macao», in *Collected Poems*, introdução e notas de Edward Mendelson, Faber and Faber, Londres, 1991 [1976], p. 176.

AUDEN, W. H. e Christopher Isherwood, «Journey to a War», Faber & Faber Limited, Londres, 1939.

Bibliografia passiva:

BACHELARD, Gaston, *La poétique de l' espace*, Presses Universitaires de France, Paris, 1978.

BAKER, Donald C. e Elizabeth D. Baker, «A Great English Poet on China, Hong Kong and Macao: W. H. Auden and «a weed from catholic europe», in *Review of Culture*, n. 25 (2nd series): English Edition, Instituto Cultural de Macau, Macau, 1995, pp. 241-248.

BARTHES, Roland, *S/Z*, Edições 70, Lisboa, 1980.

CARPENTER, Humphrey, *W. H. Auden: A Biography*, George Allen and Unwin, Londres, 1981.

CEIA, Carlos, s.v. «Conotação/denotação», in *Dicionário de Termos Literários*, Editorial Verbo, Lisboa, no prelo.

CULLER, Jonathan, *Literary Theory: A Very Short Introduction*, Oxford University Press, Oxford, 2000.

DRABBLE, Margaret (ed.), s. v. «Auden», in *The Oxford Companion to English Literature*, Oxford University Press, Oxford, 2000, pp. 49-50.

GRAYLING, A. C. e Susan Whitfield, *A Literary Companion: China*, John Murray, Londres, 1994.

GUNNISON, Charles A., «In Macao», in *Wright American Fiction*, v. 3, Press of Commercial Pub. Co. San Francisco, 1892, pp. 7-33.

HYNES, Samuel, *The Auden Generation*, Princeton University Press, Princeton-New Jersey, 1976.

ISER, Wolfgang, *The Act of Reading: A Theory of Aesthetic Response*, The John Hopkins University Press, Baltimore, 1980.

JENKINS, Nicholas, s. v. «Auden», in Ian Hamilton (dir.), *The Oxford*

- Companion to Twentieth-Century Poetry*, Oxford University Press, Oxford, 1994, pp. 21-25.
- LODGE, David (ed.), «W. H. Auden», in *20th Century Literary Criticism: A Reader*, Longman, Londres, 1972.
- OSBORNE, Charles, *W. H. Auden: The Life of a Poet*, Macmillan, Londres, 1979.
- PIRES, Benjamim Videira, S. J., *Os Extremos Conciliam-se (transculturação em Macau)*, Instituto Cultural de Macau, Macau, 1988.
- PRESS, John, *A Map of Modern English Verse*, Oxford University Press, Londres, 1969.
- PUGA, Rogério, s.v. «Exotismo», in Carlos Ceia (dir.), *Dicionário de Termos Literários*, Editorial Verbo, Lisboa, no prelo.
- _____, «Imagens de Macau na literatura inglesa setecentista: A «pérola do Oriente» na obra de Daniel Defoe», in *Administração*, n. 47, vol. XIII, Macau, 2000-1.º, pp. 327-339;
- _____, «Imagens de Macau na Literatura Inglesa», in *Actas do I Congresso Internacional de Estudos Anglo-Portugueses, 6-8 Maio de 2001*, Lisboa, Centro de Estudos Anglo-Portugueses da Universidade Nova de Lisboa, no prelo.
- _____, «Imagens de Macau Oitocentista: a visão intimista de uma jovem americana», in *Actas da V Semana Cultural da China, I*, S. C. S. P., 21-26 Janeiro de 2002, Lisboa, no prelo.
- _____, «"The picturesqueness of sleepy Macao": Metáforas da singularidade de um espaço e vivência multiculturais num conto de Charles A. Gunnison», *Oriente*, n. 1: Setembro-Dezembro de 2001, Fundação Oriente, Lisboa, pp. 108-118.
- SEGALEN, Victor, *Essai sur l'Exotisme*, Le Livre de Poche, Paris, 1999.
- SILVA, Vítor Manuel Aguiar e, *Teoria da Literatura*, 8.ª edição, Livraria Almedina, Coimbra, 1988.
- THWAITE, Anthony, *Twentieth-Century English Poetry*, Heineman, Londres, 1978.
- TODOROV, Tzevan, *La Conquête de L'Amerique: La question de L'autre*, Editions du Seuil, Paris, 1982.
- WALTER, Eugene Victor, *Placeways: A Theory of the Human Environment*, University of North California Press, 1988.
- WILLIAMS, John, *Twentieth-Century British Poetry: A Critical Introduction*, Edward Arnold, Londres, 1987.
- YORK, R. A., *The Poem as Utterance*, Methuen & Co., Londres, 1986.

